

Álvaro Melo (Vavá Melo)

Waldemiro Antônio Bacelar Viana

O grande Pitigrili, um dos escritores preferidos de minha geração, escreveu: as coisas são como são, e não como se vê. Nessa visão têm motivos os que dizem que eu mando na Academia. Maldosos mendazes. Sou apenas um cabo cerra-fila, cumpridor de ordens, gladiador intemorato das causas que engrandecem minha terra. Nossa confraria é uma delas, a maior delas.

Senhores, muitos me têm escolhido para recebê-los. Alegre missão, tantas vezes difíceis. Fruto de respeitosa amizade, desprovida de interesses pessoais.

De minhas poucas virtudes uma é saber, desinteressado, aproximar-me de pessoas meritorias, companhias que me elevam. Mais um exemplo.

Conheci o ilustre Dr. Waldemiro quando passava frente da quitanda de papai, andar ligeiro, empinado, sempre com um pacote às mãos, rumo ao Porto de Dona Chiquinha. Já era amigo de seu irmão Durval.

A admiração nasceu ao encontrar na antiga Rodoviária de São Luís, um livro intitulado Graúna em Roça de Arroz. Dois motivos seduziram-me a comprá-lo: o autor e o assunto. Foi o primeiro romance que li de autoria de um jovem. Gostei imensamente. Previ, naquele instante, que autor despontava, com o brilho de sua inteligência para o trono da glória, da consagração. Que intuição. Na volta a São Luís, fui parabenizar o Dr. Fernando, a quem costumava visitá-lo.

Confrade Waldemiro, Nena querido, essa despertada amizade estar alicerçada no apreço dos nossos antepassados. Papai e o tio Agnelo foram colegas de dona Lourdes, no curso primário em Macapá, alunos de Maroca Guimarães. Compadre de Fernando Viana. Meu avô Joaquim Ribeiro, amigo dos seus. Íntimos seus tios Clóvis Couto Bacelar, interventor de S. Bento, e o padre Alfredo Bacelar.

Senhores confrades, confradeiras e convidados, permitam-me apresentá-los Waldemiro Antônio Bacelar Viana. Descende ele de duas tradicionais e honradas famílias são-bentuenses: Viana e Lobato, esta umas das mais antigas. Teve por patriarca Filipe Néry Lobato. Muitos seus filhos, todos renomados. Citarei somente os mais insignes alcantarenses/são-bentuenses: Raimundo Felipe Lobato, nosso primeiro desembargador, conselheiro e deputado provincial, o 14º governador do Maranhão; arcediogo cômego Antônio Lobato Araújo, também deputado provincial. Sem desperdiçar oportunidades de louvar a grandeza do passado são-bentuense, lembro-lhes de que esse cômego, com o mestre-escola Luís Raimundo Costa Leite (duas vezes bispo interino) e Fabricio Alexandrino Costa Leite (uma vez), integraram,

concomitante, o cabido diocesano do Maranhão. Voltando aos Lobatos, a figura de Vitor, fundador de a Pacotilha, vulto emblemático da imprensa maranhense. Sobre ele, continuo a pesquisar. Espera-te aqui, a congreira Lourdes Lobato França

Waldemiro nasceu em São Luís, a 24 de julho de 1946. Septuagenário, há pouco festejado. Alma jovem e boêmia. Filho de Fernando Ribamar Viana e Maria de Lourdes Bacelar Viana, professora nomeada pelo decreto de 12 de abril de 1933, diretora do 1º Jardim de Infância de S. Bento, criado por Luís Viana, quando Diretor da Instrução Pública do Estado.

Avós paternos Manuel Ferreira Viana e Ana Lobato Viana. Materno – Alfredo Couto Bacelar, deputado estadual, e Ana Carolina de Lima Couto, residentes em São Bento a partir na década de 1920.

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de São Luís. Advogado, militou no foro de São Luís.

Exerceu as funções públicas de assessor administrativo da Sanel – ; relações públicas da Caema – assessor jurídico da Cimparn – diretor da Divisão de Serviços Patrimoniais da UFMA; diretor técnico da Comarco – diretor administrativo e financeiro da Cohab-MA; assessor da presidência do Iterma – advogado do Ineb e do Projeto Radam – Brasil, em Salvador.

De volta para São Luís em 1985, exerceu as funções de diretor-executivo da Fundação Sôsândrade de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal do Maranhão, diretor do Departamento de Assuntos Culturais da UFMA; assessor especial do Reitor da UFMA; assessor do Secretário de Fomento à Indústria e ao Comércio do Estado do Maranhão; chefe de Gabinete da Secretaria de Agricultura do Estado do Maranhão; assessor de desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão.

Foi membro titular do Conselho Estadual de Cultura do Maranhão; do Conselho Universitário da UFMA; do Conselho Administrativo da Emater. Conselho Curador da Fundação José Sarney. Integrou o quadro de pessoal permanente do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão. Agraciado com a Medalha do Mérito Timbira, no grau Oficial; Medalha João Lisboa, pelos relevantes serviços prestados à Cultura, outorgada pelo Conselho Estadual de Cultura do Maranhão.

Autor de notável trabalho na imprensa de São Luís, notadamente crônicas e artigos, enfatizando os romances Graúna em roça de arroz: Sotaque Norte, a questionável amoralidade de Apolônio Proeza: O mau samaritano. A tara e a toga. O pulha fictício; de passarela do centenário & outros perfis (sonetos). Maria Celeste – da Terra e do Mar.

Dessas obras primas, duas por terem parte da ambiência em nosso município, tocam sentimentalmente n'alma dos leitores são-bentuenses, o que revela o quanto este chão bento de São Bento faz parte da ternura do autor, nascida da admirável beleza bucólica do Inambu. Primeiro,

em Graúna em roça de arroz são figurantes Zé Beiçola, cigarreiro Zé Bacarau, Zé do Bule, barqueiro Melquiades e outras pessoas e autoridades de nomes trocados. Recente, em seu primoroso Maria Celeste, essa brava personagem chega a São Bento, montada a cavalo e para reencontrar-se com seu verdadeiro amor, retorna no barco Cruzeiro de São Bento, propriedade do mestre Cabacinha.

Essa herança romancista é da grei dos Lobatos. Seu tio bisavô, o são-bentuense João Clímaco, autor dos romances o Diabo, o primeiro publicado em S. Luís, 1856; o rancho de Pai Tomé e o cego de Pojucã, A cigarra brasileira, O Mistério da Vila de São Bento, este o primeiro romance urbano maranhense.

Waldemiro Viana, intelectual de mancheia, avulta-se como emérito romancista, o que honra nossa Academia e a Maranhense, por ser o imortal coestaduano com volumosa produção no gênero. Essa veia literária, ressalta-se, jubilemos, é apanágio pujante medrado no íntimo dos que conviveram com a paisagem inspiradora dos nossos campos e a salubridade climática desta Suíça Maranhense. Com sua chegada à nossa Academia encontrou Itapary, Sanatiel, Mirian e Trindade, o que quiçá seja na FALMA, a que mais tenha romancistas/novelistas. Aliam-se a estes, os possuidores de sangue da terra de Dom Luís de Brito: José Sarney, Ronald Costa Fernandes e Américo Azevedo a publicar. Todos, filhos de são-bentuenses.

Waldemiro por vivência e paixão, exulta-se de ser nosso conterrâneo afim, sobretudo a partir de agora por justa cidadania. Por mais de dez anos residiu na majestosa Fazenda São José do Canaã, no Inambu, em Palmeiras quando distrito pertencente ao município de São Bento. Mansão de intelectuais, pais, filhos, familiares. Foi, deveras, a primeira Academia de Letras da Baixada.

Waldemiro sempre externou amor e admiração por esta Confraria. Acostumou-se abrilhantá-la com palestras em nossos encontros aqui e em São Luís. A contundência desse carinho materializou-se ao aceitar o convite para ser mais um cavaleiro da Távola Redonda, estripada da Cadeira Proibida. Sua eleição é uma homenagem que se estende ao Dr. Fernando Viana, um dos mais completos literatos de seu tempo e a dona Lourdes, poetisa das mais ilustradas.

Este sodalício sente-se feliz, radiante e deslumbrado por possuíres todos os méritos substanciais de engrandecê-lo. Assuma a Cadeira 2, patroneada por Carlos Reis, insigne personalidade nascido nesta terra; fundada por Manuel de Jesus Sousa, nosso querido e extraordinário abnegado membro desta Casa. Muito contribuiu para o desenvolvimento dela. Honrando-se estão aqui, seus filhos Lilana e James.

Reflitam: Waldemiro também é ocupante 2 da Academia Maranhense de Letras, patroneada por Aluísio Azevedo, irmão do nosso conterrâneo Américo Azevedo, cunhado de dona Maria Eugênia Padilha Lobato; fundada pelo são-

bentuense Domingos Barbosa, sucedido por Fernando Viana. Tomou posse nela a 31 de outubro de 1984, homenagem póstuma aos oitenta anos seu pai. Outra: Waldemiro nasceu no ano de morte do patrono da Cadeira que ora ocupa.

Ilustre confrade, quando adentraste na Casa de Antônio Lobo ouviste de Américo Azevedo: Waldemiro é presença, é futuro, é marcha acontecendo. Repito.

Nobre confrade, o instante se assemelha, apenas trocando os personagens, eu uso das palavras de seu tio, o médico, professor, jornalista, cientista Luís Viana ao saudar o aniversariante Clodomir Cardoso, este aqui gozava férias na infância com os familiares, expressou-se: “sois um nobre filho de Athenas; um atheniense como os de outrora, assíduo frequentador dos jardins fragrantados de Academus, onde passeando entre flores, os sábios colhiam rosas delicadas do espírito”. São Bento é um jardim de Academus. Com sua esposa Yara Maria, filhos Carlos Fernando, Ana Raquel, Cleidyara, os netos Manuela, Gabriel, Isabela, Maria Beatriz e Artur, adentreis neste jardim, regais os canteiros e aspirais o perfume exalado das estrelas, rosas, jasmims.

Termino usando as conhecidas palavras que Manuel Bandeira pôs na boca do Pedro bonachão, falando no céu a Irene. Em vez dela, Waldemiro – você não precisa de pedir licença. Entre. A canoa atracou no porto de dona Chiquinha. Estrugem os foguetes de taboca, as girândolas e as ronqueiras. Bem vindo à Casa de Dom Felipe, catedral das letras, do afeto, da harmonia e do respeito. Engrandeça-a.

